

Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

Tempo e ato na perversão

Ensaio psicanalítico I

3ª edição revista e ampliada



Blucher

TEMPO E ATO NA PERVERSÃO

Ensaio psicanalítico I

Flávio Ferraz

3ª edição

Revista e ampliada

Tempo e ato na perversão: ensaios psicanalíticos I, 3ª edição

© 2023 Flávio Ferraz

1ª edição – Casa do Psicólogo, 2005

2ª edição – Casa do Psicólogo, 2010

3ª edição – Blucher, 2023

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Addressa Lira

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Bárbara Waida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Ana Maria Fiorini

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.
É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferraz, Flávio

Tempo e ato na perversão : ensaios psicanalíticos I
/ Flávio Ferraz. – 3. ed. – São Paulo : Blucher, 2023.

146 p. (Série Psicanálise Contemporânea / coord.
de Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2203-3

1. Psicanálise 2. Perversões sexuais 3. Sexo
(Psicologia) I. Título II. Ferraz, Flávio III. Série.

23-4916

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	7
Prefácio	11
<i>Sidnei José Casetto</i>	
1. Do desvio sexual à perversão de transferência	17
2. A recusa do tempo	51
3. “Gnosticismo” perverso e “religião” obsessiva: considerações sobre o estatuto do ato	73
4. As montagens perversas como defesa contra a psicose	103
5. Sacher-Masoch, <i>A Vênus das peles</i> e o masoquismo	113
Posfácio	125
<i>Rubens M. Volich</i>	

1. Do desvio sexual à perversão de transferência¹

Eixos de descrição da perversão: o sintomatológico e o transferencial

A figura da perversão tem sido caracterizada na literatura psicanalítica por meio de dois eixos distintos, mas articulados clínica e metapsicologicamente. Esses eixos se encontram presentes tanto na vertente inglesa da psicanálise como na vertente francesa de inspiração lacaniana, ainda que descritos a partir de um referencial teórico e de um vocabulário conceitual diferentes, como não poderia deixar de ser. O primeiro poderíamos chamar de eixo *sintomatológico*, e o segundo, de eixo *transferencial*.

Meu objetivo aqui é definir cada um deles, discutindo o modo como estão presentes nas duas vertentes da psicanálise e o peso

¹ A primeira parte deste texto foi publicada originalmente na revista *Percurso*, XVII(36), 53-62, 2006; o texto integral foi publicado no livro *O sintoma e suas faces*, organizado por Lucía Barbero Fuks e Flávio Ferraz (Escuta/Fapesp, 2006, pp. 197-226).

que adquirirem em cada uma delas. A pergunta que motiva esta investigação é: até que ponto esses eixos podem coexistir em uma dada definição de perversão? Ou seja: se definirmos a perversão com maior ênfase em um deles, chegaremos à mesma figura conceitual a que chegaríamos se enfatizássemos o outro eixo? Seria possível que, ao assumir um desses eixos como central, acabássemos por definir uma figura conceitual em que a presença do outro fosse cabível?

O primeiro dos eixos – mais antigo, ou mesmo original – está presente na definição freudiana da perversão, cujas linhas básicas já estavam claramente traçadas em 1905, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, e foram reiteradas na conferência XXI das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (“O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”), em 1917. A perversão é aí concebida, para dizer de modo sintético, como um *desvio sexual*.

Mesmo considerando que a abordagem feita por Freud é francamente crítica à sexologia do século XIX, esse modelo ainda marca seu vocabulário e define o recorte que ele faz do fenômeno; o próprio termo “perversão” foi dela retirado.² A perversão traz, assim, a rubrica das “aberrações” e da “inversão” sexuais, cuja causa repousaria em uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal,³ que impede as diversas correntes da

2 Em outras oportunidades, tracei um histórico detalhado da concepção de perversão na obra de Freud, indicando inclusive as fontes precedentes na sexologia do século XIX e a história do emprego do próprio termo “perversão”. Ver o artigo “Uma breve revisão da noção de perversão na obra de Freud” (Ferraz, 2000b) e o livro *Perversão* (Ferraz, 2000a), particularmente os capítulos 1 (“Considerações iniciais”) e 2 (“A perversão na obra de Freud”).

3 É bem verdade que, de acordo com o modo como se lê a obra de Freud, essa “fixação infantil” pode ser encarada como uma vicissitude transferencial “constitutiva”, que antecipa, em sua obra, o ponto de vista posterior que dará ênfase ao que aqui chamo de “eixo transferencial” da definição de perversão. Agradeço a José Carlos Garcia por este comentário, em comunicação pessoal.

sexualidade de se aglutinarem sob o eixo ordenador da genitalidade. Freud assenta sua compreensão sobre uma base comparativa entre neurose e perversão, formulando o conhecido axioma em que a primeira será vista como uma espécie de “negativo” da segunda.

Posteriormente, a compreensão da perversão vai ganhando um refinamento metapsicológico. Primeiramente, nos anos iniciais da década de 1920, quando entra em cena a teoria estrutural do complexo de Édipo, a perversão pode ser vista como decorrente do mecanismo da recusa (*Verleugnung*), numa saída para o conflito edípico contraposta à dissolução deste pela via do recalçamento (*Verdrängung*), que, por seu turno, assinala a formação neurótica. Mais tarde, com o desvendamento da lógica do fetichismo (Freud, 1927/1980), a recusa articula-se à consequente dissociação (*Spaltung*) do ego, esclarecendo a atitude ambígua do sujeito da perversão diante da realidade da castração.

Entretanto, isso não muda em essência o eixo freudiano da definição de perversão, que permanece sendo o sintomatológico; a abordagem do fenômeno pela via do fetichismo retoma, ainda que em outras bases, o problema do desvio sexual que se colocava em primeiro plano nos “Três ensaios”. É evidente, contudo, que a postulação ulterior dos mecanismos da recusa e da dissociação tenha aberto o caminho para uma outra forma de abordagem do fenômeno, que veremos adiante.

Antes, porém, importa-nos registrar que a definição da perversão pela sintomatologia (“desvios” sexuais) guarda exatamente a mesma lógica presente na definição da neurose ou da psicose por seus sintomas (conversões, obsessões e medos, nas neuroses, ou delírios e alucinações, nas psicoses). Afinal, como se poderia postular uma categoria psicopatológica desprezando toda e qualquer exigência fenomenológica?

Muitos dos autores – inclusive contemporâneos – que viriam a trabalhar sobre o campo da perversão não deixaram de levar em conta o sintoma expresso do paciente, mesmo compreendendo o “desvio sexual” sobre outras bases morais ou psicopatológicas.⁴ É assim que faz, por exemplo, Joyce McDougall (1992, 1997), ainda que prefira o termo *neo-sexualidade*, de sua lavra, à palavra *perversão*. O problema do *desvio sexual*, contudo, não deixa de estar presente como elemento central da definição, apesar das nuances por ela enfatizadas.⁵

O segundo eixo presente na definição de perversão, o qual chamei de *transferencial*, resulta dos desdobramentos do conceito de “transferência” tanto na escola kleiniana como na lacaniana. A importância assumida por esse eixo tem, portanto, uma dupla determinação na história do movimento psicanalítico. Na escola kleiniana, ela se deve à centralidade assumida pela transferência no trabalho clínico, tornando-se o objeto mesmo da interpretação psicanalítica. Na escola lacaniana, o chamado “diagnóstico estrutural”, como veremos, assenta-se sobre a modalidade da transferência estabelecida pelo paciente, ligando-a diretamente ao posicionamento psíquico do sujeito diante da castração.

Esse eixo transferencial da descrição da perversão, dependendo da escola e do autor que o aborda, pode tanto estar mais claramente associado ao eixo sintomatológico como dele se distanciar, chegando, por vezes, a impor-se como parâmetro exclusivo para o diagnóstico. Ainda que Freud não tenha associado explicitamente

4 O problema da contaminação moral no estudo da perversão, embora seja relevante, não será nosso objeto neste trabalho. Sobre essa questão, ver o artigo “Perversão, perversidade e normalidade: diagnóstico e considerações terapêuticas”, de Otto F. Kernberg (1998), e o capítulo 1 (“Considerações iniciais”) do livro *Perversão* (Ferraz, 2000a).

5 Poderíamos, do mesmo modo, citar Gillespie (1952), Khan (1987), Stoller (1986), Chasseguet-Smirgel (1991) e Kernberg (1998).

a perversão a uma modalidade de transferência que lhe fosse correspondente, é possível afirmar que esse eixo componente “transferencial” tenha esteio na sua obra. Isso se dá particularmente nos trabalhos posteriores aos “Três ensaios”, quando a distinção entre o recalçamento e a recusa já estava bastante esclarecida, como no artigo de 1927 sobre o fetichismo. Na escola lacaniana, é exatamente a distinção entre esses mecanismos (além da rejeição ou *Verwerfung*) que possibilita e fundamenta a categorização estrutural dos quadros psicopatológicos, consagrando a tríade neurose, psicose e perversão, cuja etiologia passará necessariamente pela resposta do sujeito diante da ameaça de castração.

Tomarei aqui um trabalho de Jean Clavreul (1990) como base para descrever a concepção de perversão adotada pela escola lacaniana, centrada prioritariamente na modalidade de transferência estabelecida na situação analítica. Em uma descrição bastante acurada do fenômeno transferencial observado na clínica psicanalítica da perversão, Clavreul acusa a presença de uma demanda “estranha” e “ambígua” por parte do paciente, afirmando que “o que ela comporta de *desafio* não pode deixar de aparecer, e as aparências cortesias que geralmente os perversos fingem não enganam por muito tempo” (p. 137, grifo meu).

Assim, toda transferência perversa impregna-se por um desafio, aberto ou velado, sendo que o discurso sobre o amor comporta sempre um ar de “rebelião”. Qual seria o papel, então, destinado ao analista?

Vem o perverso procurar junto a nós uma proteção contra os eventuais problemas médico-legais, tentando assim reduzir-nos ao papel cúmplice do protetor? Ou procura aos olhos terceiros provar sua boa vontade? Vem procurar em sua análise imagens escabrosas adequadas

para melhorar o comum de suas práticas perversas? Ou, ainda, quer se livrar de determinada perturbaçãozinha que o incomoda enquanto permanece firmemente decidido a não modificar nada do essencial? (p. 137)

Essa situação pode, na prática, criar uma cilada para o analista, que poderia ser expressa, *grosso modo*, pelo seguinte conflito: situa-se o analista como apoio para um desejo de cura que pressupõe a supressão das práticas perversas? Isso, naturalmente, o colocaria numa posição moralizante contrária à neutralidade analítica. Concordaria o analista em dar importância secundária ao sintoma, privilegiando a análise como um objetivo em si mesmo? Isso sugeria uma aceitação tácita da prática perversa, reduzindo a análise à pura condição de pesquisa, o que poderia levar o analista a ocupar o lugar de *voyeur*. Ou seja, o que pode suceder é que o analista se veja “reduzido ou a uma posição moralizante ou a uma posição perversa, com uma grande facilidade de passar de uma a outra, o que não é surpreendente quando se sabe das analogias estruturais dessas duas posições” (pp. 138-139), conforme conclui Clavreul.

Em síntese, o que a abordagem lacanianiana aponta como eixo diagnóstico da perversão é precisamente a predominância do *desafio* como fenômeno transferencial, implicando uma não outorga da função analítica ao analista, postura em tudo contrária ao posicionamento neurótico perante o “suposto saber” do analista. O que está em jogo para que assim se dê é, sobretudo, a *recusa do outro*, para além da recusa da realidade. Recusando-se a ser tratado como um neurótico, o perverso busca, na situação analítica, restabelecer as “referências fundamentais da estrutura” (p. 141), numa expressão de Clavreul.

Para Guy Rosolato (1990), outro autor da escola lacanianiana, o que o perverso busca nessa operação de desafio é renegar a lei

do pai e substituí-la pela lei do seu desejo, o que significa, dito de outra forma, livrar-se de uma constatação cujo corolário seria o reconhecimento da diferença entre os sexos⁶ e o acesso à ordem simbólica. Ele compara esta postura fetichista àquela culturalmente presente no gnosticismo, numa oposição à renúncia peculiar ao obsessivo, que poderia ser comparada àquela presente nas religiões de tradição ritualizada.⁷

A caracterização da perversão por meio da modalidade da transferência estabelecida pelo paciente também está presente na escola inglesa. Donald Meltzer (1979), valendo-se da expressão “perversão de transferência”, descreve esse fenômeno clínico afirmando que os perversos “farão um esforço conjunto em determinadas fases do processo psicanalítico para tirar o analista de seu papel habitual e converter todo o procedimento em algo que tem a estrutura de sua tendência pervertida ou viciosa”. E generaliza, acrescentando que esse problema “surge em *todos os pacientes* nos quais a perversão ou o vício têm um papel importante em sua psicopatologia” (p. 156, grifo meu).

Meltzer recorre ainda a Freud, que em 1914 já assinalava o fato de que o perverso não procurava a análise como forma de obter cura, ponto de vista posteriormente corroborado por autores como Gillespie, Khan e Balint. Aos perversos interessaria, no entender de Meltzer, “aprender a modular seu comportamento total para poderem continuar seu hábito ou vício sem perigo de interferência” por parte da análise, visto que eles “sentem sua perversão ou vício como mais reais do que suas relações sociais” (p. 158). O

6 Janine Chasseguet-Smirgel (1991) coloca a recusa da diferença geracional no mesmo nível de importância da recusa da diferença sexual, o que traz à tona o problema da ideologia do incesto no cerne da perversão. É na obra do Marquês de Sade, entre outras fontes, que a autora vai buscar uma referência de apoio a esse postulado.

7 Abordo em detalhes esta questão no Capítulo 3 deste livro.

que pode ocorrer, entretanto, é que, no decorrer da análise, venha à tona o desespero que, na verdade, se situa por trás de tal intenção, dando oportunidade, assim, ao início de uma luta contra a doença.

Essa observação clínica de Meltzer é muito pertinente para o analista que se engajou alguma vez na análise do perverso, pois afirma tanto a dificuldade quase intransponível que este apresenta em termos de analisabilidade como a situação de angústia que pode surgir quando se obtém êxito em tocar efetivamente o que fora recusado. Se não se toca na angústia de natureza psicótica que se oculta maciçamente por detrás da perversão, pode ocorrer o que Meltzer chama de “perversão da situação analítica”, quando a análise assume uma configuração de impasse e paralisia, com o paciente manifestando seu desprezo pela psicanálise, ao mesmo tempo que devota um temor reverencial ao analista.

Quando a perversão da situação analítica ocorre, a situação total tende a tornar-se estabilizada da seguinte maneira: a forma social da vida do paciente fora da análise melhorou tanto em termos de “sucesso” e “respeitabilidade” que, pelos padrões da psiquiatria social, o paciente seria considerado curado. Ele está “bem adaptado”, mas sua perversão ainda não está “curada”. Na análise uma certa corrente de crueldade para com o analista persiste no comportamento, ausência das sessões, atrasos, reclamações sobre o pagamento, e zombaria dos analistas em geral, “excluindo o presente, é claro”. Mas o material é abundante, tanto em relação a relatos das atividades pervertidas, quanto a sonhos. Sinais de colapso da fé no analista são encarados com sentimento de triunfo e acusações, enquanto que um periódico otimismo traz consigo uma festa perversa como reação terapêutica negativa. Torna-se claro que o paciente vê a

mãe-analista como viciada na prática da psicanálise, como uma prostituta ama-de-leite analítica, incapaz de conseguir melhores pacientes, ou incapaz de reconhecer suas limitações. Somente um exagerado “desligamento” e comportamento “científico” do pseudo pênis-mamilo ganha o respeito, e mesmo o temor reverencial, do paciente. Ele então suspeita de que está na presença de algo grandioso, mas não sabe bem se o analista é como um deus, ou se é satânico. (p. 159)

Betty Joseph (1992), autora expoente da escola kleiniana, também aborda o fenômeno transferencial perverso, enfatizando a necessidade que tem o analista de detectar a perversão e interpretá-la *na própria transferência*. Sem que isso se dê, pensa ela, não se toca de fato no problema e, por conseguinte, não se estabelece uma mudança psíquica.

De modo semelhante ao que acabamos de ver em Meltzer, Joseph fala de uma forma sutil e diabólica que têm os pacientes perversos de perverter o vínculo transferencial e de pôr à prova a capacidade do analista, o que pode significar para este uma armadilha em que possa vir efetivamente a cair. Ora, o que fundamenta essa observação clínica, sob o ponto de vista psicopatológico, é a ideia de que *os principais aspectos da sintomatologia perversa devem necessariamente se apresentar na transferência*. O problema técnico, para Joseph, é a capacidade do analista para detectá-los, já que algumas vezes sua manifestação se dá de maneira bastante sutil.

Trata-se, via de regra, de uma erotização oculta da transferência, às vezes obscurecida por um comportamento aparentemente passivo, que, contudo, pode ter por finalidade “destruir a calma e a força” (p. 76) do analista enquanto seio provedor. Encontram-se em jogo a cisão e a identificação projetiva da excitação sexual do

paciente, que dela tenta livrar-se depositando-a sobre o analista. A utilização da palavra ou do silêncio para projetar a excitação sobre o analista, bem como a passividade que pode provocar a sua impaciência ou induzi-lo a atuar por meio de interpretações (ou de pseudointerpretações) são, além de mecanismos defensivos, ataques concretos ao analista enquanto objeto odiado e invejado, como observa R. Horacio Etchegoyen (2002) ao comentar o trabalho de Betty Joseph.

Foi levando em consideração as observações sobre a transferência perversa feitas por autores das duas diferentes escolas psicanalíticas que Etchegoyen propôs a adoção definitiva da denominação “perversão de transferência” para esse fenômeno, a exemplo do que Freud (1914/1980) fizera ao cunhar a noção de “neurose de transferência”, e do que autores da escola kleiniana – particularmente Herbert Rosenfeld (1978) – fizeram ao falar de uma “psicose de transferência”. Para Etchegoyen, justifica-se a formulação do conceito de “perversão de transferência” na medida em que fica patente que a perversão possui uma individualidade clínica e que configura um tipo especial de transferência.

Freud (1914/1980) cunhou o conceito de “neurose de transferência” – uma entidade mais clínica do que propriamente psicopatológica – para designar uma alteração produzida no neurótico por obra do enquadre analítico, que faz com que seus sintomas tendam a manifestar-se no interior mesmo da relação com o analista, portanto, na transferência. Inicialmente sentida como um entrave ao desenrolar da análise, a neurose de transferência passou a ser compreendida como o lugar por excelência onde se concentram os esforços terapêuticos, por meio da interpretação da transferência *in hic et nunc* da sessão analítica.

Como Freud acreditava que o psicótico fosse incapaz de desenvolver a transferência, em virtude de seu fechamento narcí-

sico – que praticamente o impedia de estabelecer relações objetais –, a análise da psicose era por ele considerada ineficaz. Segundo Freud, faltava ao psicótico aquela analisabilidade peculiar ao neurótico exatamente pela inexistência da transferência, o que o levou praticamente a desencorajar os esforços analíticos frente à psicose, como se vê, por exemplo, no artigo “Análise terminável e interminável” (1937/1980).

Isso não impediu que diversos analistas insistissem em experimentar a análise com pacientes não neuróticos, como fizeram alguns de seus contemporâneos, a exemplo de Karl Abraham e Sándor Ferenczi. Posteriormente, tanto analistas formados na tradição kleiniana (Bion, Winnicott, Rosenfeld e Searles, entre outros) como analistas lacanianos ousaram encarar esse desafio, obtendo êxito apesar de todas as dificuldades apresentadas pelos pacientes psicóticos para o desenvolvimento de uma análise.

De modo bastante sucinto, pode-se dizer que o que se concluiu foi que o psicótico desenvolve, sim, um vínculo objetal, só que à sua moda. Herbert Rosenfeld (1978), em seu trabalho sobre a transferência psicótica, propôs-se a demonstrar que o paciente esquizofrênico é capaz de estabelecer uma transferência positiva e negativa, sendo possível ao analista interpretar-lhe os fenômenos transferenciais e, ademais, perceber claramente as suas respostas às interpretações. Tais conclusões clínicas encontram um suporte teórico em formulações kleinianas sobre um modo primitivo de estabelecer uma comunicação, que é a “identificação projetiva”, predominante no vínculo do psicótico com o seu objeto. Para Rosenfeld, os pacientes esquizofrênicos mostram muito claramente essa forma de relação de objeto:

com efeito, tão pronto se aproximam de qualquer objeto com amor ou ódio, [os pacientes esquizofrênicos]

parecem confundir-se com esse objeto, por causa não só da identificação por introjeção como por impulsos e fantasias de entrar dentro do objeto com a totalidade ou partes de seu self, a fim de controlar o objeto. Melanie Klein sugere aplicar o nome de identificação projetiva a esses processos. (p. 126)

Estabelecer o conceito de “psicose de transferência”, portanto, foi uma empreitada da psicanálise pós-freudiana, que teve de valer-se de referenciais outros que não os estritamente freudianos para legitimá-lo sob os pontos de vista clínico e metapsicológico. Freud não legou um trabalho clínico sobre a psicose, do mesmo modo como não tratou da análise da perversão. Mas foi seguindo os caminhos já abertos pelos analistas que apostaram na ampliação da clínica psicanalítica rumo às patologias não neuróticas, e apoiado tanto nas conclusões de autores da escola inglesa quanto em lacanianos, como vimos, que Etchegoyen (2002) propôs a consolidação do conceito de “perversão de transferência”. Para ele, esta tem como base teórico-clínica a “sutil complexidade das relações narcisistas de objeto” (p. 75), que produzem formas de vinculação diferentes tanto das neuróticas como das psicóticas. A especificidade de tal transferência residiria nas tentativas de desestabilização do analista, como vimos em Meltzer e Joseph.

Ruth R. Malcolm (1990) também ilustra esse esforço do perverso, mostrando que este pode tentar fascinar o analista e, assim, colocar a sua capacidade de observação em risco de converter-se em escopofilia. Otto F. Kernberg (1998), igualmente, vê na transferência perversa o risco de o analista ser envolvido nas fantasias perversas do paciente e, assim, levado à condição de expectador das relações de objeto perversas externas à análise.

Etchegoyen (2002) resume essa posição perversa, que é tanto transferencial como sintomática, afirmando que o perverso sente o seu sexo “não como um desejo, mas como uma ideologia” (p. 105),⁸ sendo a inveja o motor de tal sentimento. Quanto ao “parentesco” da perversão com a psicose – assinalado por muitos autores, que veem na perversão, em essência, uma defesa contra a psicose –, este ficaria por conta, entre outros fatores, do predomínio da identificação projetiva, da labilidade da relação de objeto, da genitalização precoce, do papel da inveja como motor da conduta e da dissociação do ego.

Pois bem, em resumo, vimos até agora que, por mais que as referências teóricas, a terminologia e o estilo dos autores da escola inglesa difiram daqueles da escola lacaniana, é muito interessante observar como, na prática, os impasses trazidos pela postura transferencial do perverso são percebidos do mesmo modo por autores das duas escolas,⁹ fato que ajuda a legitimar as conclusões de ambas e permite a dedução de uma teoria consolidada da transferência na perversão.

8 No livro *Perversão* (Ferraz, 2000a), exprimo um ponto de vista semelhante, ao questionar a qualidade de “desejo” no impulso sexual do perverso em direção ao objeto; apoiado em Joyce McDougall (1992), propus que a primazia da necessidade, nesse caso, imporia à montagem da cena perversa um caráter diferente daquele do desejo propriamente dito. O “argumento perverso” (provar que a castração não existe) presidiria a montagem da cena, prevalecendo sobre a emergência do desejo. Em relação à “ideologia” intrínseca ao ato perverso, ver o artigo “Estudo das perversões sexuais a partir do fetichismo” (Rosolato, 1990), na aproximação que ali se faz da perversão com a gnose; ver também o Capítulo 3 deste livro.

9 Em outra oportunidade (Ferraz, 2000a), chamei a atenção para esse fato, comparando um texto de Donald Meltzer (1979) com o já citado trabalho de Clavreul (1990). Curiosamente, encontrei mais tarde um trabalho de Etchegoyen (2002) em que ele estabelece o mesmo paralelo exatamente entre os dois textos desses autores.



Este trabalho aprofunda temas desenvolvidos por Ferraz no livro *Perversão*. Já ali ele sugeria transformar as complexidades e as reconhecidas dificuldades da clínica desta formação psíquica numa reflexão sobre sua dimensão ética. Um olhar incauto poderia considerar esse convite um desvario. Caracterizada pelo desvio, pela afronta, pela transgressão, por uma visão quase utilitária da alteridade, como poderia a perversão ser pensada sob uma dimensão ética? Para sustentar sua proposta, Ferraz se inspira no veio freudiano que contribuiu para resgatá-la do terreno do juízo moral, revelando-a numa perspectiva de continuidade com a sexualidade dita “normal”.

– ***Rubens M. Volich***

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. **Flávio Ferraz**

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2203-3



9 788521 222033



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Tempo e ato na perversão

Ensaio psicanalítico I

Flávio Ferraz

ISBN: 9788521222033

Páginas: 146

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
